

Reflexões sobre como lidar com o preconceito linguístico dentro da sala de aula

Autores:

Marinalva Maniçoba de Lira

Especialista em Linguística Aplicada à língua e à literatura e em Orientação Educacional, Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Novo Gama, Goiás

Mariana Maniçoba de Lira

Graduanda em enfermagem

Denise Torres Maniçoba

Especialista em Docência do Ensino Superior, Professora da Secretaria de Educação, Distrito Federal

Eliane de Jesus Araujo

Especialista em Orientação Educacional e Ensino Especial e Psicopedagogia Clínica e Institucional, Professora Secretária Municipal de Educação de Novo Gama, Goiás

DOI: 10.58203/Licuri.83102

Como citar este capítulo:

LIRA, Marinalva Maniçoba et al. Reflexões sobre como lidar com o preconceito linguístico dentro da sala de aula. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Ensino e Educação: contextos e vivências**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 283-292. v. 2.

ISBN: 978-65-999183-2-2

Resumo

O objetivo do presente estudo foi o de verificar o preconceito linguístico dentro da sala de aula com os alunos do 3º ano da Escola Municipal Delfino Meireles de Novo Gama - GO, a partir desta verificação tentar demonstrar como lidar com este grave problema que abrange os alunos e a população em geral. A pesquisa partiu do estudo sobre Preconceito linguístico realizado com os sociolinguistas: Marcos Bagno (1999) e Stella Maris Bortoni- Ricardo (2004), que realizam um estudo fantástico sobre vários tipos de preconceito linguístico fazendo suas defesas e explicando passo a passo o porquê de cada tipo de “erro” tratado pela gramática tradicional. Partindo de todo estudo dos autores citados venho trazendo algumas reflexões de como tentar abolir este preconceito vivido pelos alunos dentro da sala de aula. A amostra foi constituída por uma turma de 40 educandos, com idade variando entre 09-14 anos de idade e eu como educadora lecionando há cinco anos para o ensino de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. A metodologia constou de atividades realizadas com os alunos. Os resultados demonstraram que os educandos se tornam mais seguros à medida que educadores traçam as diferenças entre os diversos tipos de fala existentes no nosso meio e demonstram que cada forma de se expressar tem seu momento e lugar para ser usado e que as diferenças utilizadas por eles não são tratadas como “erro” e sim como diferenças que precisam ser adequadas a ambiente e contextos diferentes.

Palavras-chave: Linguística. Agramaticalidade. Ensino.

INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta as considerações de Marcos Bagno (1999) e Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) sobre o preconceito linguístico, onde reúnem um conjunto de pesquisas e resultados de anos de trabalho. Eles defendem os mitos que compõem um preconceito muito presente na cultura brasileira: o preconceito linguístico. Afirmam que o preconceito existe por conta da confusão que se faz entre língua e gramática normativa, ou seja, explicam perfeitamente que a gramática é apenas uma descrição parcial da língua que falamos. Na sala de aula o preconceito fica bem claro contra a forma de falar dos alunos e é justamente na sala de aula onde tudo pode mudar, basta que o educador tenha consciência de saber lidar com esta situação.

A verdade é que os professores ficam sem saber como lidarem com os “erros de português”, porque não diferenciam que os considerados “erros” são na verdade as diferenças existentes nas variedades da língua, e estas variedades são muito utilizadas no domínio do lar e quando chega à escola que cultiva a cultura do letramento o professor se vê diante de um bicho de sete cabeças.

A partir das considerações de Marcos Bagno e Stella Maris Bortoni-Ricardo, em que nos auxiliam perfeitamente como lidar com o preconceito linguístico, venho apresentar resultados de atividades realizadas com meus alunos que comprovam tudo o que eles defendem em relação ao preconceito linguístico. As ideias destes autores são a meu ver verdadeiras descobertas e, felizes dos educadores que as seguirem diante do preconceito linguístico.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Delfino Meireles que foi fundada para atender a necessidade da comunidade do bairro Jardim Lago Azul. Sua construção teve início dia dez de novembro de 1985. Sendo inaugurada no início do ano posterior. Uma escola de zona urbana pertencente ao município de Novo Gama, inicialmente foi construída apenas 04(quatro) salas de aula, devido à demanda de alunos. Em junho de 1992 foi entregue a ampliação de 02(duas) salas de aula.

A comunidade vê a escola como referência para atingir objetivos educacionais, culturais e sociais, que se faz necessário para o desenvolvimento pessoal do aluno.

Esta instituição escolar visa à formação construtiva do aluno, tendo em vista suas necessidades e características de desenvolvimento e aprendizagem. Situada na Quadra 105 lote 06 área especial - Jardim Lago Azul, município de Novo Gama - GO. Mantida pelo Poder Público Municipal de Novo Gama, numa área de fácil acesso e localização a mesma durante todo o período anual de seus dias letivos permanece sempre com grande número de alunos matriculados.

Atende o Ensino Fundamental de 09 anos, onde trabalha do 1º ao 5º ano e pretende futuramente atender a educação infantil, assim que tiver disponibilidade de salas de aulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças realizaram a atividade com bastante empolgação, pois, sentem-se orgulhosas de estarem diante de diferenças e ouvirem da professora que não estão diante de “erros”, e ainda são convidados a adequarem aquela fala a um ambiente diferente do ambiente do personagem. Isso deixa as crianças bem seguras e ao mesmo tempo motivadas. Depois de toda a adequação convido aos alunos a passarem as atividades a limpo em folhas brancas com bastante organização para fixarmos em um mural para fazermos uma exposição para as outras turmas, peço também que oralmente eles expliquem que a adequação foi realizada por se tratar de ambientes diferentes, e que eles falem aos colegas que a linguagem utilizada por Chico Bento não se trata de “erro” e sim de diferenças e regionalismos e que é adequada ao ambiente em que ele está inserido.

Variação e características linguística em sala de aula

Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), é uma sociolinguística que vem se empenhando intensamente a fortalecer o campo de ação chamado sociolinguística educacional, uma área teórico-prática que ela mesma inaugurou entre os linguistas. Ao contrário de muitos outros linguistas, empenhados na documentação-descrição da língua falada pelos

brasileiros das classes privilegiadas, nascidos e criados em zona urbana e inseridos na cultura letrada, Bortoni foi investigar, não só a língua, mas também as redes sociais e a cultura específica dos migrantes de origem rural, forçados a se instalar nas periferias das grandes cidades e a enfrentar a sociedade letrada munidos de suas práticas essencialmente orais. Ela oferece aos professores em atividade ou em formação os instrumentos de análise adequados para lidar, em sala de aula, com as regras características das variedades linguísticas estigmatizadas. Por que muitos dos alunos, no início da escolarização, pronunciam pranta e não planta, “trabaiá” e não trabalhar, “ropa” e não roupa, “chero” e não cheiro, “bandeija” e não bandeja, meninas bonita e não meninas bonitas, tudo isso não passa de diferenças e não de “erro”, este é um conceito estritamente cultural, se os milhões de brasileiros dizem “trabaiio” temos que começar a ver que há um motivo para esta variação está acontecendo, enfim milhões dizem “trabaiio”, mas, não dizem “trabaco”.

A partir do trabalho fantástico realizado por Bortoni, podemos observar que na prática os “erros” cometidos pelos nossos alunos são quase sempre os mesmos. Há o que se chama de traços graduais e descontínuos, os traços graduais são aquelas diferenças que acabam sendo usadas constantemente apesar de serem consideradas “erros” pela comunidade urbana, já os traços descontínuos são as diferenças que recebem uma carga de avaliação bem negativa pelas comunidades urbanas e que são utilizados por um público bem menor.

Abaixo, segue Traços graduais segundo Stella Maris (2004, p.54):

- *Aférese ou supressão de um ou mais fonemas iniciais: ta, tava, ce
- *Sincope ou supressão de um fonema no interior da palavra: pra, xicra
- *Apócope ou supressão de um fonema final, como o “r”: corre, almoça, senhô
- *Epêntese ou adição de um fonema no interior da palavra: rítimo, decepção
- *Ditongação das vogais “a” e “e”, seguidas do fonema “s”: Goiais, faiz, veiz
- *Formação de grupos de força: derepente, porisso
- *Monotongação do ditongo nasal “ao” na palavra não, que aparece em posição átona no grupo de força: num é, num tem...

E é diante de todas essas diferenças e variações no uso de nossa língua que o professor, deve acreditar que somos a arma principal contra o preconceito linguístico, ou seja, é na escola que devemos iniciar a luta contra o ridículo de achar que nossos alunos chegam na escola falando tudo errado, devemos acreditar no que eles trazem como certo e mostrarmos que para cada situação há uma forma mais adequada de se usar a língua.

No que tange as tarefas de sala de aula a serem realizadas a fim de ajuda os alunos a adequarem sua fala a todas as situações possíveis fica um belo texto de Carmo Bernardes, escritor regionalista nascido em Patos de Minas, em 1915, já falecido que passou toda a sua vida em Goiás, contando sua experiência nos primeiros dias da escola:

Entrei numa lida muito dificultosa. Martírio sem fim o não entender nadinha do que vinha nos livros e do que o mestre Frederico falava. Estranheza colosso me cegava e me punha tonto. Acho bem que foi desse tempo o mal que me acompanha até hoje de ser recanteado e meio mcorongu. Com os meus, em casa, conversava por trinta, tinha ladineza e entendimento. Na rua e na escola - nada, era completamente afrásico. As pessoas eram bichos do outro mundo que temperavam um palavreado gago de tudo. Já sabia ajuntar as sílabas e ler por cima toda coisa, mas descrencei e perdi a influência de ir à escola, porque diantedos escritos que o mestre me passava e das lições marcadas nos livros, fiquei sendo um quarta-feira de marca maior. Alívio bom era quando chegava em casa. Os meninos que arrumei para meus companheiros eram todos filhos de baiano. Conversavam muito diferente do que estava escrito nos livros e mais diferente ainda da gente de minha parentalha. Custei a danar a aprender a linguagem deles e aqueles trancas não quiseram aprender a minha. Faziam era caçoar. Nestes casos, por exemplo: eu falava “sungar”, os meninos da rua falavam “arribar”, e mestre Frederico dizia “erguer”... (Carmo Bernardes. Rememórias dois. p.18.)

Esse é um trecho de um texto que conta perfeitamente a situação vivida por muitos alunos e, o que mais chama a atenção é que esta cena foi vivida por volta de 1920 e continua viva até hoje. Muitas das palavras que nos causa estranheza eram palavras usadas pelas pessoas da região e que ainda hoje são utilizadas, e algumas que já entraram em desuso.

Diante de um palavreado diferente como o utilizado pelo escritor Carmo Bernardes, eu como professora ficaria honrada em me ver diante de tamanha riqueza, pois ao invés de caçoar, como fez o professor, eu deixaria todo o meu planejamento de aula para depois e me fartaria com uma aula em que mostraria para meus alunos todo este grupo de

palavras regionais, enfim, trabalharia com a apresentação do novo para que eles aumentassem assim o vocabulário de cada um e ainda trabalharia a significação destas palavras na nossa região e ainda pediria aos outros que o que eles conhecessem de novidade de regionalismos trouxessem para nós nos fartarmos e aumentarmos nosso vocabulário.

O que é ensinar português?

Segundo o autor Marcos Bagno (2007), tradutor, escritor, linguista e Doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), para romper o círculo vicioso do preconceito linguístico no ponto em que temos mais poder para atacá-lo precisamos rever velhas opiniões formada que ainda dominam nossa maneira de ver nosso próprio trabalho.

Realmente o que coloca o autor é muito importante, acredito que a maior parte dos professores se pegam desencorajados de mudarem por fatos ainda tradicionais que os prendem, muitas vezes somos forçados a demonstrar bastante conteúdo pela cobrança intensa dos pais dos alunos que dizem não se contentarem com esta estória de que o ensino está mudando, muitos dizem que o professor foge da gramática tradicional por pura preguiça.

Marco Bagno insiste em dizer que os métodos tradicionais de ensino da língua no Brasil visam, por incrível que pareça, a formação de professores de português, enfim, o ensino da gramática normativa, a obsessão terminológica, a paranóia classificatória, e o apego à nomenclatura, nada disso serve para formar um bom usuário da língua em sua modalidade culta. Esforçar-se para que o aluno conheça de cor todas as classes de palavras, os termos da oração, orações segundo seus tipos, definições tradicionais de sujeito, objeto, verbo e etc. - nada disso é garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da língua culta.

Penso como o autor, pois, acredito que nós professores somos quem de fato devemos conhecer profundamente tudo isso, e mostrar para eles este conhecimento, mas não para que eles o tenham para ser seu escudo unicamente correto. Devemos sim mostrar a eles que tudo o que eles falam e escrevem serve para um determinado momento e que todo este conhecimento terá um público diferente e assim por diante.

Diante de comentários como estes, as pessoas se indagam porque acreditam que não devemos jamais largarmos da gramática normativa, porque no vestibular é o que se pede, será que não está na hora do sistema mudar com esse vestibular, acredito que não somos nós quem devemos nos adequar a eles e eles quem devem se adequar à nós.

Um reconhecimento dos Parâmetros curriculares nacionais:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. (...) A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não sustenta na análise empírica dos usos da língua” (Parâmetros curriculares nacionais, Língua Portuguesa, 5ª a 8ª séries, p.29).

Erro e agramaticalidade

Como diz Marcos Bagno em seu livro “português ou Brasileiro?”, erro é uma inadequação do uso da língua, vinculada a um padrão e à aceitabilidade social de quem fala, mas que não compromete a instauração da comunicação, e agramaticalidade é a infração a determinadas regras do sistema linguístico, que impede que a comunicação seja estabelecida.

Quantas vezes, conversando com alguém, ou mesmo ouvindo alguém falar, ou lendo um texto qualquer, saímos com a velha e conhecidíssima frase: “ih! Fulano cometeu um erro de gramática aqui”. Isso é muito comum de ser ouvido, mas que o erro cometido não impede que a gente entenda o que o outro quer falar. Muitos linguistas afirmam que não existe erro diante da língua. Quando alguém fala “nós vai” ao invés de falar “nós vamos”, a compreensão não fica comprometida, o problema é que o falante ficará socialmente marcado de forma negativa. Já a agramaticalidade compromete totalmente a compreensão de quem ouve, pois as regras estarão sendo violadas, como por exemplo: “É porque mamãe veste compra carro hoje”.

Ao se falar sobre o preconceito linguístico as pessoas até se assustam, pois alguns até perguntam-se: “Quer dizer que para os linguistas vale tudo”? Aí o autor Marcos Bagno responde que não é que vale tudo, mas que tudo vale. Vale falar gíria quando se está no ambiente adequado, no contexto adequado e com um público adequado. O que as pessoas não entendem é que a colocação feita contra o preconceito linguístico está sendo confundida com a aceitação de tudo em qualquer lugar, o que seria adequado era a colocação adequada às diferentes situações.

Seria justamente tudo isso que precisaríamos fixar em todas as escolas para que todos os professores tomassem consciência do bem que podem fazer aos alunos mudando este preconceito linguístico difícil de ser quebrado.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE EM SALA CONTRA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Atividade: Adequação do texto do “Chico Bento” para a sala de aula

O nosso querido Chico Bento vai nos ajudar dando ótimas orientações em relação aos cuidados que devemos ter com a água que vamos utilizar para beber e preparar os alimentos. Chico Bento utiliza muitos regionalismos e algumas diferenças por fazer parte de um ambiente rural, mas a mensagem que ele vai nos passar será compreendida perfeitamente. Após a leitura, gostaria que adequássemos a linguagem de Chico Bento para o ambiente escolar, mas sempre considerando que a fala dele está adequada para o meio em que ele está inserido. Façam em grupos de quatro alunos e em seguida todos juntos faremos as devidas correções.

É muito comum em sala de aula o professor deparar com situações constrangedoras quando um aluno fala algo que os colegas vêem como “erro” e iniciam uma algazarra dentro da sala ridicularizando o colega, e muitas vezes esta ridicularização acontece por conta do próprio professor que não tem a discricção de poupar o aluno destas situações absurdas e grotescas. Acredito que todo professor devesse ter um curso para conhecer um pouco sobre o preconceito linguístico e tomar consciência da gravidade que é ridicularizar um aluno diante de uma classe.

Como tenho a consciência do quanto nossa língua é rica em regionalismos e de que o

acesso à ela é um direito de poucos, sempre me preocupei em buscar distintas maneiras de lidar com essas diferenças em sala de aula.

Um de meus trabalhos que tanto tem dado certo foi trabalhar com as estórias de um personagem de Maurício de Souza que adoro desde criança: Chico Bento. Como se trata de gibis com estória em quadrinhos, já se torna uma atração muito interessante para o meu público que é de crianças na faixa etária de 09 a 14 anos, outro quesito importante que me fez adotá-lo foi a linguagem utilizada pelo personagem que é claro que não chega a ser idêntica à deles, mas que traz um vocabulário que é mais usado por eles do que o da norma culta da língua portuguesa.

A participação é unânime quando peço para que leiam os textos, pois, isso é prova de que já que todos vão ler aquele vocabulário cheio de diferenças por ser um texto de cunho rural, ninguém vai se sentir constrangido em participar, diferentemente de quando peço para que leiam um texto em que vem todo pronto com a norma culta que na maioria das vezes eles desconhecem e sentem-se constrangidos em pronunciar o texto.

No início peço para que todos leiam em voz baixa e em seguida leio para todos, sempre frisando bem o regionalismo e as diferenças para deixá-los o mais a vontade possível. Aproveito a empolgação dos alunos e peço para que cada um leia um balãozinho e assim tomo a leitura de todos.

Depois que todos terminam a leitura converso bastante com eles sobre o preconceito existente contra as pessoas que falam com algumas diferenças ou regionalismos por conta da falta de oportunidade dada a essas pessoas em terem aproximação com a norma culta, peço para que todos se lembrem de alguns nomes que possuem a pronuncia diferente em determinadas regiões como a de seus pais ou avós. Digo a eles que cada regionalismo novo que passamos a aprender deve significar uma riqueza adquirida, porque saber um pouco de diferentes culturas é muito rico para todos nós, e então cada um vai dando exemplos e vou sempre admirando e estimulando a todos que falem bastante. Converso também sobre as diferenças que são tidas como “erros” e digo que não devemos criticar estas diferenças, apenas devemos adequá-las a diferentes ambientes, situações e contextos.

É aí que entro com a proposta de alterarmos o texto de Maurício de Souza fazendo a adequação da fala de Chico Bento para um ambiente de sala de aula que é onde eles estão inseridos naquele momento. A princípio peço para que se organizem em grupos de quatro e comecem a adequar as falas para o nosso ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores norteadores desse estudo, afirmam que não existe “erro” e sim diferenças, e que todos os tipos de se expressar são convenientes desde que estejam no contexto e ambiente adequado. Tendo em vista estas teorias como base, desenvolvi minha pesquisa em torno das ideias dos autores citados porque acredito muito que todo o trabalho realizado por eles um dia será totalmente reconhecido e que educadores mudarão suas táticas em sala de aula tendo o prazer de conhecer e realizar as práticas sugeridas pelos mesmos para que nossos alunos tenham um futuro diferente deste tempo presente tão preconceituoso linguisticamente falando.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico, Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula. São Paulo, Parábola, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.

Bernardes, Carno. Rememórias 2, Leal, 1969.